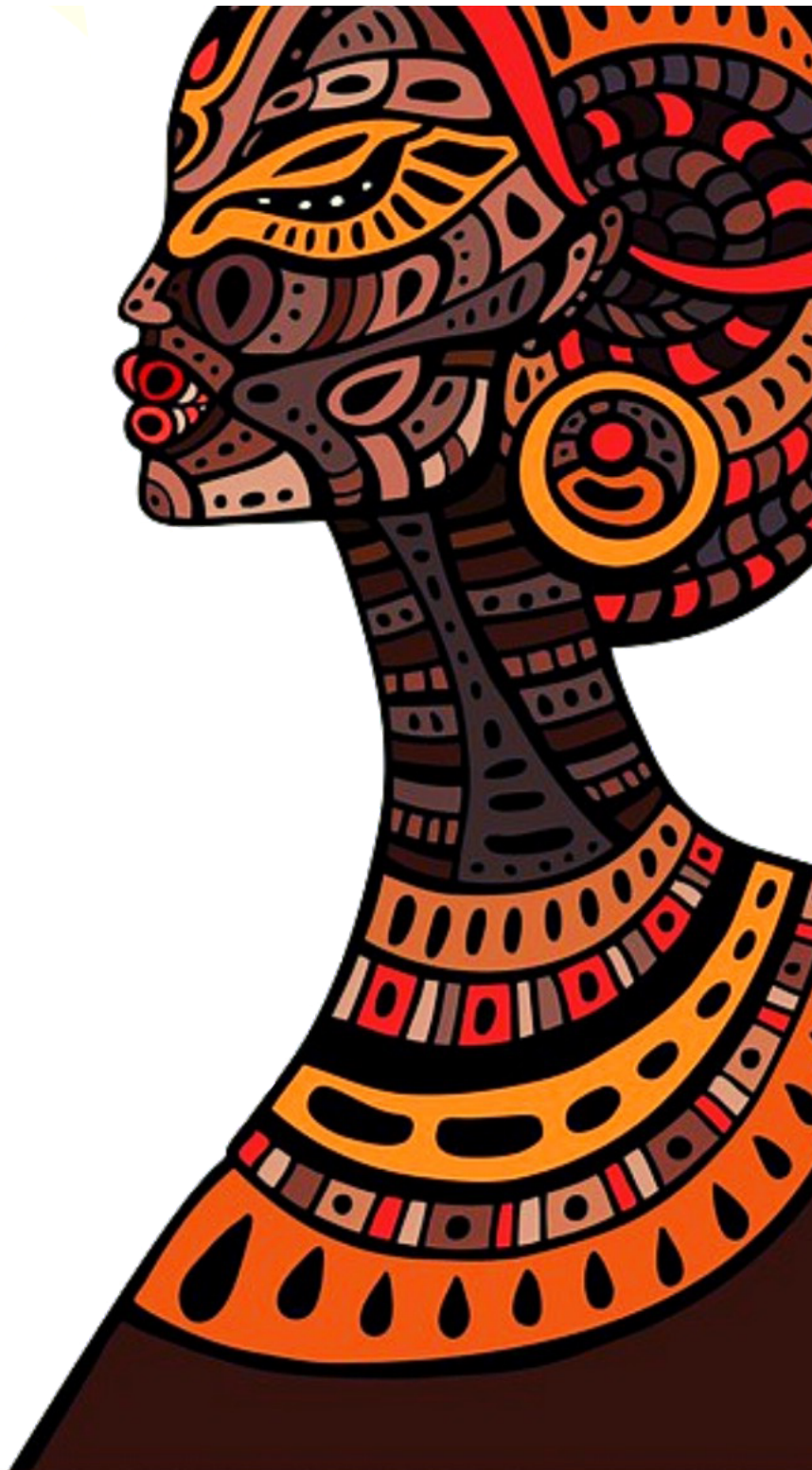


A PALAVRA FALADA: NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS DE CANDOMBLÉ

CICERA AGUIDA
BARBOSA
MARCELINO

UNIVERSIDADE
REGIONAL DO CARIRI

MESTRADO
PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – MPEDU/URCA

AUTORA
Cicera Aguida Barbosa Marcelino

ORIENTADOR
Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior

REVISÃO DE TEXTO
Laís Shauany Faustino da Silva

PROJETO GRÁFICO/DIAGRAMAÇÃO
Laís Shauany Faustino da Silva

CRATO-CE
2021

Apresentação

Nosso objetivo foi construirmos uma análise sobre as mulheres e professoras pertencentes ao Candomblé que atuam na educação do Cariri cearense. Sendo assim, estaremos visibilizando essas mulheres que mesmo sofrendo preconceito institucional e social, se fazem sujeitas ativas e buscam vivenciar e partilhar suas experiências de forma que contribua para a história da educação dessa região. Para que isso se torne em recurso didático, uma estratégia de ensino será a produção uma cartilha educacional antirracista 'religiosa', que terá como título: **A Palavra Falada: Narrativas e Trajetórias de Professoras Negras de Candomblé.**

Nessa cartilha apresentamos as falas obtidas nas entrevistas e as fotografias que nos foram disponibilizadas, para que esse se torne além de um material de acesso a uma história real, que ele possa ser um indicador para alunos da licenciatura e professores do Cariri, como uma prática que agregue um ensino que conecte a realidade do aluno aos temas estudados, sobretudo, para população negra do Cariri.

**A Palavra
Falada:
Narrativas e
Trajetórias de
Professoras
Negras de
Candomblé.**

Tradição Oral

A Tradição Oral é o conhecimento transmitido de geração em geração nas comunidades de matriz africana. O Candomblé é uma religião com base africana e temos dentro desses espaços ritualísticos ensinamentos, troca de saberes ancestrais, aprendizados como acesso a outra língua como a Yorubá, além de uma ser uma religião que tem uma cosmovisão africana de família, vida comunitária e religiosa. Portanto, uma religião como o Candomblé, leva em consideração os saberes africanos e afrodescendentes e a experiência autênticas dos discursos pelas professoras Candomblecistas contribuem na efetivação da lei 10.639/03 em reconstruir a narrativa da população negra na história e nas práticas educativas.

Metodologia

Entrevista narrativa é a metodologia de pesquisa abordada nessa pesquisa e nos utilizamos da abordagem da (auto) biografia para contar a história de vida de duas professoras e sua relação com a educação da cidade de Juazeiro do Norte-Ce.



"Sou Jéssyca Diniz Medeiros, como costume dizer meu nome ocidental, meu nome de batismo. Já gosto de começar assim, com uma fala bem política mesmo, porque a gente tem costume de perder essa ancestralidade, nessa terra chamada Brasil não termos o nome dos nossos ancestrais, não termos sobrenome ancestrais, nem tão pouco nome. Tanto que uma necessidade que tive de me iniciar no Candomblé e posteriormente encontrar minhas raízes também na umbanda foi procurar esse nome, procurar quem eu sou. Quem eu sou, além de Jéssica Diniz Medeiros ocidental? E tudo isso foi muito lincado com o processo educação".

Prof. Ms. Jéssyca Diniz Medeiros tem 34 anos. Mulher negra emponderada, atuante e ativista da Região do Cariri. Atualmente mora e trabalha como coordenadora pedagógica na cidade Juazeiro do Norte, mas antes exercia a função de professora na mesma cidade. É formada em música e pedagogia. Como nos conta que sempre teve paixão pela música e seguiu seu sonho. design corporativo e, às vezes, um padrão de fundo.

Através das representações das educadoras entrevistadas da cidade de Juazeiro, a pesquisa permitiu que fizéssemos esforços para entender a dimensão da formação de professor, seu processo de profissionalização, sua construção identitária, tanto como sujeito, como professor.

A generalização que de certa forma é possível ser feita, parte da perspectiva de entendermos a vida profissional, mas já não podemos usar da mesma forma para entender a construção de entendimento racial, pois nesse caso torna-se particular.

Os trechos seguintes do discurso da professora apontam que desde a infância Jéssyca Medeiros era percebida pelos pais como uma criança diferente e que apesar de ser batizada na igreja católica por tradição, mas sempre respeitaram a escolha por outra religião. Além disso, o respeito que a escola na qual ela estudou sempre tratou das regiões como qualquer outra e dessa fora deveríamos entender que os praticantes das religiões de matriz africana estão exigindo apenas seu direito de crença, direito de serem respeitados.

Foi fundamental, foi uma peça que eu assisti e na minha escola fala o diretor da escola era baiano e ele trazia a cada dois anos uma festividade na escola chamada maculelê que hoje eu entendi.

Não era só uma coisa ele era uma (inaudível) um candomblé, umbanda uma capoeira uma puxada de rede tudo num pacote só, mas ele para facilitar para simplificar hoje eu acho que eu me pergunto o que significado ele colocava só não de maculelê e quando começou a tocar esse foi na quadra da escola a gente tava assistindo da arquibancada foi o sonho mais lindo que eu já vi na minha vida e até hoje não seja assim sim algo que se parece aquela emoção acho que só a mesma evolução de eu ter feito o santo superação.

A partir da análise desse núcleo de pensamento, constatamos que o crescimento da vida espiritual dessa mulher, sempre esteve ligado ao processo educativo. O que nos leva a perceber que temos as religiões afro-brasileiras como uma ferramenta que gera aprendizado, que sob olhares desatentos causam a noção de não aprendizado, já que, essa narrativa se encaixa como aspecto cultural de ensino, em que promove a inclusão de uma minoria que se entende e se reconhece como produtora de um saber, esse que foi apropriado e usado, desapropriado de seu formato inicial e ressignificado como se pertencesse ao discurso branco oficial.

“

**A Oralidade
é um
resgate da
memória.**

CICERA AGUIDA

”



Eu acho que esse cruzamento entre religião de matriz afro, pesquisa, ele meio que compõe o que eu sou, não são coisas que estão deslocadas da minha vida, faz parte da mulher que eu sou, fazer pesquisa de matriz afro, eu sempre procurava me fazer presente, em todos os debates que estão pautando essa discussão étnico-racial, sobretudo, com relação as mulheres, em está dentro de uma religião e matriz afro me compõe enquanto pessoa e me faz completa enquanto pessoa. Se você me perguntar o que me define? Acho que é isso, essa bandeira racial, que trago em meu corpo, que trago como mulher de axé, o que me torna viva, o que me dar força para viver, sabe...

Prof. Ms. Maria Yasmim Rodrigues do Nascimento, 28 anos, negra empoderada, atuantes e ativistas da Região do Cariri. Mora e trabalha na cidade de Juazeiro do Norte- CE. Trabalhou como professora de história na educação básica da cidade. Atualmente está afastada para integrar suas atividades com o programa de doutorado da Universidade Federal do Ceará.

Na fala dessa outra professora também dentro desse contexto de autorreconhecimento, adotou no seu discurso inicial uma consciência política de posicionamento social. Yasmin só terá esse contato com o terreiro de Candomblé depois que entra no curso de história da URCA e só após entrar no centro acadêmico do curso e ficou mais próxima dos movimentos sociais, como o Movimento LGBTQ+, o Movimento de Mulheres, o Movimento Negro, sobretudo, o Movimento de Mulheres Negras. Segundo ela a partir

" [...] desses movimentos plurais, a minha construção identitária vai tomando corpo, ganhando outra forma, é que eu começo a falar sobre as questões raciais, como ponto de partida já de minhas pesquisas, do meu trato comigo mesma, da forma como me via e me vejo, isso vai começar a fazer parte da minha vida".

- Maria Yasmim
Rodrigues do Nascimento

Considerações Finais

As narrativas das informantes permitem da forma como são relatadas trabalhar com a trajetória das experiências vida das professoras, como uma ferramenta de ensino, potencializando as discussões apresentadas em suas falas, de autoconhecimento que não deixa de ser uma construção identitária, além do ensino religioso, discutir, o racismo religioso introduzir o pensamento e bandeira histórica dos movimentos negros, quando promovem o discurso pela liberdade de crença.

Os terreiros de Candomblé fazem parte da construção social da história da cidade de Juazeiro, nesse sentido, é necessário que reconheçamos a presença da população negra na região do Cariri, sendo ela como parte integrante desse processo e que possamos enxergar o candomblé e seus praticantes como pessoas que tem o direito de manifestar sua fé.

Salienta-se que o Brasil é um país laico, isso significa que todos os cultos sejam respeitados sem distinção, e que todos tenham direito de professar sua fé seja ela qual for independente de sua crença, ou mesmo ausência dela, os cidadãos e cidadãs brasileiros/as devem gozar de seus direitos igualmente, sem sofrer constrangimentos em público, por isso sem ter suspensa a sua liberdade de expressão, ou mesmo deixar de desfrutar de seus direitos por seguir um determinado pensamento religioso.

“

A necessidade de referenciar mulheres negras protagonistas de sua própria história serve justamente para deixarmos de enxergar a mulher negra sendo representada apenas como figura colonial. A consciência explícita na fala nos revela o quanto ainda estamos aprisionadas no patriarcado e as diversas opressões que a mulher e sendo mulher negra e outras diversas violências exercidas como as próprias condições sociais, escolares, afetivas se articulam para manter-se tanto no campo da subjetividade e de maneira idêntica ainda mais acentuada de maneira objetiva.

”

CICERA AGUIDA

As A intolerância religiosa torna-se, portanto, mais uma ferramenta do racismo e sua reprodução com o Candomblé e as demais religiões afro-brasileiras é por ter como base uma cosmovisão africana. Essas situações de percepção das atuações do racismo leva-nos a entender que o Candomblé é em sua amplitude uma religião que cultua orixás, portanto, uma religião propriamente composta de valores africanos e está vinculada a sujeitos racializados, que sofrem amplamente com práticas rotineiras de racismo religioso.

Diante dessa breve explicação é que essa experiência de perceber por meio das narrativas autobiográficas de professoras negras candomblecistas o racismo em variadas formas, nos fez reafirmar as falas de professoras ativistas pós-graduadas como uma nova maneira de direcionar uma educação antirracista porque dispensa uma postura educacional positivista que na contemporaneidade ainda se baseia em modelos de educação arcaicos, quando deveríamos estar discutindo uma educação étnico-racial e plural.